

Jinshin Inga (Fé Profunda em Causa e Efeito)

Rev. Kodo Takeuchi

“O princípio de causalidade é óbvio e impessoal” é uma frase familiar que foi incluída na “Introdução Geral” de “*O Significado da Prática e Verificação*” (Shushogi). Esta frase apareceu originalmente no capítulo “*Fé Profunda em Causa e Efeito*” do *Tesouro do Verdadeiro Olho do Darma* (*Shobogenzo*). Quando eu recito esta frase, sempre surge na minha mente a imagem do relacionamento inorgânico entre causa e efeito que penetra todo este mundo como a trama de uma rede. A palavra “impessoal” me dá uma sensação de frio porque implica que uma vez que o relacionamento entre causa e efeito tenha sido gerado, não dá mais chance para que a interpretação egoísta de uma pessoa possa vir a abordar ou intervir.

Onde podemos encontrar significado no relacionamento entre causa e efeito? Como é que é dado sentido para (este princípio de) causa e efeito? Como se desenvolverá a causa e efeito que temos atraído para nós mesmos? Estas perguntas são relacionadas à nossa própria motivação e ação.

O conceito de co-originação dependente ou a doutrina de causa e efeito é uma ideia fundamental do Budismo. O relacionamento de causa e efeito é o ponto de vista a partir do qual devemos perceber todas as coisas. Este é o conteúdo da iluminação do Shakyamuni Buda; ele foi libertado através de sua compreensão do princípio de causa e efeito. Na base desta liberação estava a ideia de um ciclo sem fim de nascimento e morte, também conhecido como *samsara* ou reencarnação, que era uma visão religiosa tradicional na Índia. Na Índia, desde os tempos antigos, acreditava-se que a alma da pessoa é imortal e que, dependendo da energia (*carma*) criada pela conduta da pessoa nesta vida, ela renasceria num dos reinos de: inferno, espíritos famintos, animais, demônios briguentos, seres humanos ou seres celestiais.

O Budismo, como religião, aspirava libertar os seres humanos da transmigração, acabando com a criação do carma que seria a sua causa, através do despertar. Neste sentido, o Budismo tinha um significado revolucionário dentro do contexto das interpretações religiosas tradicionais na Índia. Esta forma fundamental do pensamento Budista não foi diferente no Zen Chinês, nem para o Dogen Zenji que herdou este ensinamento da China. Na palestra darma solicitada pelo seu discípulo Egi para sua mãe falecida, Dogen Zenji fez uma citação de uma palestra darma de seu mestre, Nyojo Zenji.

A vida não aparece a partir de algum ponto determinado. É como vestir um *hakama* (uma calça-saia formal masculino). No entanto, a nossa face é dignificada. Por isso, é dito que as dez mil coisas retornam a um. A morte não tem nenhum lugar para onde ir. É como tirar o *hakama*. No entanto, todos os rastros são abandonados e desaparecem. Por este motivo, é dito, para onde é que um ser retorna? Neste exato momento, como é?! Depois de uma pausa, Dogen Zenji continuou: desde o início, vida e morte não interferem uma com a outra. Desgraça e felicidade são ambos vazios sem lugar para ficar.

(De *Relato Extensivo de Dogen*, volume 5, discurso 391)

Aqui, Dogen Zenji nos ensina que o carma ruim – bem como o carma feliz – são ambos vazios e sem substância. Por este motivo, nem um nem outro permanece em lugar algum.

O que diz o Keizan Zenji sobre este assunto? No capítulo sobre Jayata Sonja, o Vigésimo Mestre Ancestral, na *Transmissão da Luz (Denkoroku)*, encontramos a seguinte passagem:

Se você deseja ver a sua mente original, desiste de todos os relacionamentos deludidos e deixe tudo de lado. Não pense em bem ou mal e, por algum tempo, mantenha seus olhos fixos na ponta de seu nariz e olha para sua mente original. Quando você chega a estar inteiramente quieto, todas as formas acabam. Uma vez que a ignorância fundamental já foi destruída, então os galhos e folhas – carma e seus resultados – não existem mais. Assim, você não fica no reino da não-discriminação, nem fica confinado na esfera do não pensar. Não há nenhuma separação dos budas e nenhuma separação dos seres comuns. Quando você chega a este reino da iluminação pura, clara e completa, então, pela primeira vez, será um monge verdadeiro (um discípulo do Buda). Se você for assim, então você não será diferente dos budas.

Nesta passagem, Keizan Zenji ensina que quando sentamos em *shikantaza* abrindo mão de todos os relacionamentos deludidos e nos separamos dos valores dualistas do bem-mal e assim por diante, somos os mesmos que todos os budas, que estão livres da ignorância básica e do carma. Não há diferença entre os Dois Fundadores, Dogen Zenji e Keizan Zenji, em relação a esta questão da extinção do carma.

Como apontado na passagem mencionada acima do *Relato Extensivo de Dogen*, a razão que é possível ser libertado dos sofrimentos do samsara através da iluminação reside no princípio de que todos os obstáculos cármicos são vazios. Porém, existe um risco em contar com o princípio de “o obstáculo cármico é essencialmente vazio”, se nós nos esquecermos da lei do carma em si mesmo e negamos a causa e efeito.

Dogen Zenji discute este problema do carma e da causalidade em conexão, ao contar a história da “Raposa de Hyakujo” em dois capítulos do *Shobogenzo*, “Grande Prática” – um capítulo da versão de Shobogenzo de setenta-e-cinco capítulos – e “Fé Profunda em Causa e Efeito”, um capítulo da versão de doze capítulos do *Shobogenzo*. Ele também discute carma no capítulo “Carma nos Três Períodos de Tempo” da edição de doze capítulos.

O conto da “Raposa de Hyakujo” diz que muito tempo atrás, na era do Kashapa Buda, um certo monge vivia no Monte Hyakujo. Um dia, um praticante-aluno lhe perguntou: “Será que mesmo as pessoas que tenham cultivado uma grande prática caem em causa e efeito?” Ele respondeu: “Eles não caem em causa e efeito.” Desde aquele tempo, ele tem renascido como uma raposa por quinhentas vidas. Finalmente, este monge reencarnado do tempo de Kashapa buscou a ajuda de Hyakujo Ekai. Ao ouvir a resposta de Hyakujo – “Não ignore causa e efeito” – ele alcançou grande iluminação e foi libertado do corpo da raposa.

No capítulo “Grande Prática”, Dogen Zenji repreende a tolice de aceitar, sem uma cuidadosa consideração, que “não cair em causa e efeito” é “negar causa e efeito” e que “não ignorar causa e efeito” é “fé profunda em causa e efeito”. Ao mesmo tempo, Dogen Zenji também apresenta sua dúvida sobre o próprio conteúdo deste conto da “Raposa do Hyakujo” ao destrinchar a interpretação

estereotipada do conto. Se “eles não caem em causa e efeito” for um erro, então “não ignore causa e efeito” pode também ser um erro. Nesta passagem, Dogen Zenji fala que, essencialmente, estas duas frases não são diferentes. No capítulo “Grande Prática” Dogen Zenji afirma que ambos “não cair em causa e efeito” e “não ignore causa e efeito” são baseados no vazio dos obstáculos cármicos.

Porém, no capítulo “Fé Profunda em Causa e Efeito” da versão em doze capítulos, Dogen Zenji critica a ideia onde “não cair em causa e efeito” é “negar causa e efeito” e discute a indestrutibilidade do carma. Ao mesmo tempo, ele afirma que “não ignorar causa e efeito” é “fé profunda em causa e efeito” e, assim, reconhece a perspectiva confrontante destas duas declarações. Superficialmente, estas palavras parecem contradizer a passagem acima mencionada do Capítulo “Grande Prática” da versão em setenta-e-cinco capítulos. O Budismo presume a interpretação Indiana sobre a religião que é baseada em samsara e amarras do carma e aspira ir além destes até a liberação. Da mesma forma, o capítulo “Grande Prática” reconfirma a existência de “causa e efeito” e “carma” com o pressuposto de que podemos superá-los. O motivo é que se alguém nega causa e efeito e esquece o carma, a iluminação, que é alcançada através da superação destas coisas, também desaparecerá.

Em “Carma nos Três Períodos do Tempo”, o capítulo que segue “Fé Profunda em Causa e Efeito” na versão do Shôbôgenzô em doze capítulos, encontramos a seguinte passagem:

O Honrado-do-mundo falou: “Uma vez que carmas bons e maus são criados, eles nunca perecerão, nem mesmo depois de um milhão de eons. Você receberá os resultados quando as causas e condições se encontram. Porém, mau carma desaparece ou se transforma em resultados mais leves através do arrependimento. Carma bom aumenta por meio da realização de boas ações. Isto é chamado “Nunca perece”. Não significa que eles não tem efeitos.

O carma “nunca perece” significa que se nós nos arrependermos das nossas más ações, este carma desaparecerá ou se tornará mais leve. Se realizarmos boas ações, então o bom carma aumentará mais e mais. Carma não é uma coisa estática ou substancial. Isto é precisamente devido ao fato de que o obstáculo cármico é vazio.

Neste mesmo capítulo, “Carma nos Três Períodos de Tempo”, Dogen Zenji critica duramente o Chosha Keishin pela posição herética que ele expressa no seu entendimento das palavras “Obstáculo cármico é essencialmente vazio”.

Não retirar a questão sobre o obstáculo cármico e falar sobre a sua vacuidade é uma interpretação herética. Seres senscientes que acreditam na vacuidade original do carma e que criam o carma pela indulgencia não terão o momento de liberação. Se não houvesse um momento de liberação, não haveria o surgimento de budas.

Aqui, a crítica trata de uma ideia de vacuidade que não movimenta o sujeito do obstáculo cármico. Mover o sujeito de um obstáculo cármico é nada diferente do fazer a prática Budista. Podemos ver isto claramente na passagem previamente mencionada do capítulo vinte da *Transmissão da Luz* de Keizan Zenji.

Neste ponto, é necessário falar sobre carma e causação a partir de uma perspectiva moderna. Carma é um conceito que era transmitido na Índia antes do Budismo. Era uma teoria do comportamento relacionado às ações das pessoas. Era uma maneira de pensar, um ponto de vista, uma maneira de enxergar uma pessoa no momento presente como o produto do acúmulo de suas ações do passado. Esta visão tornou-se uma esperança de que seria possível mudar o futuro através de suas próprias ações; que uma auto-revolução seria realmente possível. Tinha o poder de superar o fatalismo.

Se podemos provisoriamente chamar isto de “uma teoria correta de carma” quando olhamos para trás sobre os 2.600 anos da história budista, pode-se dizer que, infelizmente, esta teoria de carma chegou a ser usada principalmente como uma maneira de explicar a infelicidade e desgraça nesta vida. Em outras palavras, veio a ser “uma teoria ruim de carma”. Esta forma de pensar impõe a noção de que temos que nos resignar a aceitar que o carma ruim das vidas anteriores sobre o qual não podemos fazer nada seria a causa das coisas injustas e irracionais que nos acontecem nesta vida. Mais ainda, enquanto que superficialmente ensina a moralidade de premiar o bem e castigar o mal, às vezes acontecia que pessoas com deficiências físicas ou aqueles que são socialmente vulneráveis ou em desvantagem sofriam discriminação porque suas diferenças eram consideradas como o resultado de ações ruins no passado. Em alguns casos, a ideia de carma é até usada para dizer que a discriminação causada pelo sistema social é causada pelo carma de vidas passadas.

Não devemos nos esquecer de que há uma longa história em que os ensinamentos Budistas de carma e causação tem servido como teorias para confirmar este tipo de ameaça ou terror às pessoas e discriminação contra elas. Uma vez que estes ensinamentos são usados até mesmo hoje em dia por algumas seitas como um meio de aterrorizar as pessoas, eles ainda não perderam seu efeito negativo.

O nosso carma não é algo sobre o qual deve ser falado por outras pessoas, e também o carma das outras pessoas não é nada que nós devemos discutir. Este é um princípio básico. Quando olhamos para as nossas vidas até este momento presente e quando pensamos sobre como gostaríamos que as coisas fossem daqui em diante, é completamente razoável pensar em carma como o acúmulo das nossas ações no decorrer da nossa vida. Uma vez que bom e mau carma é algo subjetivo, pode mudar dentro de nós por meio da maneira como vivemos. Quando aspiramos, como pessoa, a viver uma vida melhor e começamos a agir de forma diferente, torna-se possível transformar o mau carma que temos acumulado até então em bom carma porque ele, como resultado, nos despertou para uma maneira correta de viver. Carma é um conceito e é vazio na sua própria natureza.

Às vezes, carma é considerado e descrito como uma entidade tangível como se fosse uma impureza ou mancha que pudesse ser percebida e discutida pelos outros, tornando o carma uma ferramenta para deixar as pessoas com medo.

O papel dos monges budistas de hoje em dia é de prevenir este abuso do carma e de libertar as pessoas do temor e medo injustos.

Originalmente escrito em Japonês pelo Rev. Kodo Takeuchi

Traduzido para Inglês pelo Rev. Issho Fujita e pelo Rev. Daigaku Rumme

Assistido pelo Rev. Tonen O'Connor e pelo Rev. Zuiko Redding